

Deleuze, G. (2022). *Proust e os signos* (L. Lima, Trad.). Barco Bêbado. 198 pp. Depósito Legal n.º 497482/22

Luís Lima

(Universidade Autónoma de Lisboa – Nip.Com/ LabCom / CEAA)

Morada postal institucional: Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), Rua de Santa Marta, 56,
1169-023 Lisboa

ORCID: 0000-0003-0781-9302

(llima@autonoma.pt)

Luís Lima (short bio): Doutorado em Filosofia – Estética, pela FCSH/Universidade Nova de Lisboa, tendo recebido uma bolsa de doutoramento da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia no mestrado em Comunicação, Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias pela mesma universidade. Colaborou como jornalista em diversas publicações (*Volta ao mundo*, revista *National geographic*, *Arte ibérica*, *Arte capital*, etc.). Integra, desde 2018, o comité de organização do Fórum do Real e a Comissão de seleção do festival de cinema Porto/Post/Doc. É professor associado na Universidade Autónoma de Lisboa e docente na Escola Superior de Design do IPCA, onde leciona Teorias da Imagem, Escrita Criativa, Cibercultura. Trabalha também como tradutor *freelancer* nas áreas do ensaio, artes e literatura (Deleuze, Rancière, Didi-Huberman, Stiegler, Mondzain, Klossowski, etc.). É investigador integrado no LabCom (Comunicação e Artes) e colaborador no CEAA (Arte e Estudos Críticos), integrando ainda o núcleo de Investigação em Comunicação – Nip.com, na UAL.

Submissão: 2/11/2022

Aceitação: 13/11/2022

Proust e os Signos – sinais de um pensamento estrangeiro

Resumo (PT): *Proust e os signos* é um livro-percurso que passa por três pontos e dura, intensificando-se, entre eles. Nessa duração, desdobra-se, de modo fulgurante, o movimento do pensamento de Gilles Deleuze: a sua ontologia estética. Os três pontos são datas, logo, acontecimentos: 1964 para a *Parte I* do livro (então intitulado *Marcel Proust et les signes*); 1970, quando é adicionada a *Parte II* (sendo que o nome próprio de Proust cai do título); e 1976, ano da terceira edição de *Proust et les signes* (a versão portuguesa corresponde a essa edição), na qual surge uma *Parte II* reformulada em novos capítulos, onde se inclui um texto conclusivo intitulado “Presença e função da loucura, a aranha”. *Proust e os signos* é ainda um lugar híbrido, entre dois, entre literatura e filosofia, entre Deleuze e Proust, entre o prazer da leitura e o pensamento intempestivo.

Palavras-chave: Signos, Literatura, Filosofia, Deleuze, Proust

Abstract (EN): *Proust e os Signos* is a trail-book that passes through three points and lasts, intensifying, among them. There, the movement of Gilles Deleuze's thought unfolds, in a brilliant way: his aesthetic ontology. The three points are dates, therefore, events: 1964 for Part I of the book (then entitled *Marcel Proust et les signes*); 1970, when Part II is added (with Proust's own name dropped from the title); and 1976, the year of the third edition of *Proust et les signes* (the Portuguese version corresponds to that edition), in which a reformulated Part II appears with new chapters, including a conclusion entitled “Presence and function of madness, the spider”. *Proust e os signos* is still a hybrid place, between two, between literature and philosophy, between Deleuze and Proust, between the pleasure of reading and an unforeseeable thought.

Keywords: Signs, Literature, Philosophy, Deleuze, Proust

*Proust e os signos*¹ é um livro sobre um livro que absorve por inteiro a obra e a vida do autor de *Em busca do tempo perdido*². *Proust e os signos* é um ensaio sobre um ensaio, uma experiência de pensamento sobre uma experiência de pensamento, um trabalho de escrita sobre um trabalho de escrita, enfim, uma busca dentro de outra busca. Tal como a obra sobre a qual reflete, e onde se reflete, este livro é uma reflexão crítica sobre o próprio pensamento a fazer-se: o de Gilles Deleuze. Ao decompor e analisar a obra de Proust, Deleuze despeja aos pés dos leitores o contentor do seu próprio pensamento. É preciso, pois, olhar para este livro mais do que como para uma obra sobre uma obra, um livro sobre um livro, um ensaio sobre um ensaio: é preciso olhar para este texto como uma inauguração do pensamento deleuziano a fazer-se a partir do exterior. Se os primeiros livros de Deleuze foram de história da filosofia sem o serem (Bergson, Nietzsche, Espinosa), este é um livro de crítica literária que em muito ultrapassa o gênero. E é este pensamento do paradoxo (entre duas obras, a que é exterior e a que se está a fazer) que situa toda a possibilidade de expressão e de criação, crítica ou literária, numa linha de demarcação entre interioridade e exterioridade absoluta: é neste limite entre o dentro e o fora que se produzem todas as grandes obras, como Deleuze insiste em lembrar: são feitas *numa espécie de língua estrangeira dentro da própria língua* – diríamos uma espécie de pensamento estrangeiro dentro do próprio pensamento³.

É numa tentativa, primeiro, de os domesticar – quando ainda são signos – e, depois, de se deixar afetar por eles – quando são já sinais – que Deleuze faz dos signos e sinais índices da obra analisada (a *Busca*) e expressões de um processo de individuação da obra em curso (*Proust e os signos*). No final do livro, Deleuze afirma que o narrador da *Busca* é devém-aranha, devém-louco, devém-esquizofrênico, etc., mas é impossível dissociar esse devir do narrador da *Busca* do devir de quem foi apanhado nesse mesmo movimento enquanto o tentava cartografar: Gilles Deleuze e o seu pensamento nómada, um pensamento da multiplicidade, da diferença e da repetição, mas também da univocidade do ser, que é sempre modal, isto é, diferencial. Um pensamento tornado afirmativo numa perpendicular entre as três edições de *Proust e os signos*.

¹ *Proust et les signes*. 1977.

² Proust, M., *À la recherche du temps perdu*. Gallimard. 1913-27.

³ Deleuze, G. *Critique et clinique*. Minuit. 1993. Pp. 8-9. (Nesta e em todas as ocorrências de citações a partir de obras em francês a tradução é da nossa responsabilidade).

Para melhor compreendermos o que passa entre cada uma das edições, importa fixar estas três datas: 1964 para a *Parte I* do livro, então intitulado *Marcel Proust et les signes*; 1970, quando é adicionada a *Parte II*, sendo que o nome próprio de Proust cai do título; e 1976, ano da terceira edição do, então, *Proust et les signes* – correspondente à versão portuguesa da editora Barco Bêbado, de 2022 –, na qual surge uma *Parte II* reformulada em novos capítulos e onde se encontra um texto conclusivo, intitulado “Presença e função da loucura, a aranha”. Convém, então, vincar aqui uma breve biobibliografia de acontecimentos marcantes na obra e na vida de Deleuze entre 1964 e 1976. Além da série de livros publicados [*Nietzsche* (1965)⁴, *O bergsonismo* (1966)⁵, *Apresentação de Sacher-Masoch – A Vénus das peles* (1967)⁶; *Espinosa e o problema da expressão* (1968)⁷; e, sobretudo, *Diferença e repetição* (1968)⁸ e *Lógica do sentido* (1969)⁹], há o encontro com Félix Guattari, as aulas em Vincennes-Saint-Denis, o maio de ‘68 e toda a influência da literatura norte-americana trazida pela sua esposa, Fanny Deleuze, que indicaria já o que viria a ser o trabalho crítico em torno da noção de literatura menor. Em breve seriam editadas obras escritas com Félix Guattari¹⁰, designadamente, o primeiro tomo de *Capitalismo e esquizofrenia 1: O anti-Édipo*¹¹ (1972), com as suas *máquinas desejantes, Kafka, para uma literatura menor*¹² (1975) e ainda o pequeno livro *Rizoma*¹³ (1976), que viria a ser integrado como capítulo introdutório do segundo volume de *Capitalismo e esquizofrenia 2: Mil planaltos*¹⁴ (1980). *Rizoma* vai assim parar às mãos dos leitores no mesmo ano da terceira edição de *Proust e os signos*. Fica, então, muito claro que este intervalo que vai de 1964 a 1976 é bem mais do que uma dúzia de anos num fio cronológico: é uma revolução no pensamento deleuziano, uma desterritorialização radical que abandona os terreiros da semiótica e os baldios das

⁴ *Nietzsche*.

⁵ *Le bergsonisme*.

⁶ *Présentation de Sacher-Masoch*.

⁷ *Spinoza et le problème de l’expression*.

⁸ *Différence et répétition*.

⁹ *Logique du sens*.

¹⁰ «Como cada um de nós era vários, havia já muita gente a escrever», pode ler-se na abertura do capítulo *Rizoma*, retomado como introdução de *Mille plateaux*, o segundo tomo de *Capitalisme et schizophrénie* (1980, p. 9).

¹¹ *Capitalisme et schizophrénie 1, L’anti-Œdipe*.

¹² *Kafka pour une littérature mineure*.

¹³ *Rhizome*.

¹⁴ *Capitalisme et schizophrénie 2, Mille plateaux*.

essências tendencialmente agregadores de lógicas para uma construção inventiva de uma filosofia estética absolutamente subterrânea, rizomática e nómada, que se assume claramente como criativa (*a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos*, repetirá Deleuze)¹⁵. O tempo que decorre entre 1964 e 1976 é um tempo transversal a este *Proust e os signos*, que dá a (re)ler *Em busca do tempo perdido* ao mesmo tempo que afirma o(s) modo(s) como Deleuze sempre irá aplicar a sua metodologia conceptual a todos os objetos estéticos que, por sua vez, lhe dão corpo.

Em 1973, à conversa com a escritora Hélène Cixous, Deleuze inaugura conceptualmente o espaço híbrido entre dois universos, a filosofia e a literatura, para falar de «literasofia» ou «filosofitura»¹⁶. E é aqui que se manifesta, ao arrepio, ou numa espécie de remontagem do tempo perdido, a mais profunda leitura que Deleuze fez de Proust:

É este corpo-aranha do narrador, o espião, o polícia, o ciumento, o intérprete e o reivindicador – o louco – o universal esquizofrénico que vai estender um fio até Charlus, o paranoico, e um outro até Albertine, a erotómana, para fazer deles marionetes do seu próprio delírio, potências intensivas do seu corpo sem órgãos, perfis da sua loucura.¹⁷

As personagens são conceitos, ou melhor, personagens conceptuais, e a expressão escrita do narrador é imagem do pensamento.

Dos signos aos sinais

Se em 1964 os signos proustianos povoam a primeira parte da obra de Deleuze (à sombra de Barthes ou Genette), em 1976 tornam-se sinais deleuzianos (acenos por Guattari) e bastardos da linguagem, da filosofia analítica ou de qualquer semiologia, espraiando-se numa pura fenomenologia vitalista, cinemática (no sentido bergsoniano) e incontornavelmente estética. O abandono dos signos, o abandono da semiologia, que quase se afirmava como gestualidade protocolar dos salões parisienses do início do século passado, é revezado na conclusão do livro por uma teia rizomática onde a aranha já não

¹⁵ *Qu'est-ce que la philosophie?* (1991), p. 10.

¹⁶ Deleuze, Gilles: *Littérasophie et Philosofiture*, entrevista com Hélène Cixous; in «Dialogues», 13 de novembro de 1973, p. 30. Intitulado do texto transcrito a partir de um programa radiofónico da responsabilidade de Roger Pillaudin na rádio France Culture. A criação de conceitos, por excesso voluntário, tão cara a Gilles Deleuze, sobretudo nos seus trabalhos com Félix Guattari, está bem patente no título deste programa em que *filosofia* e *literatura* dançam, trocando de posição, nas diferentes zonas da palavra escrita, para se comporem e recomporem, expressivamente diferentes, com uma força que é a mesma, a da diferenciação do padrão maioritário destas duas disciplinas. É no entredois que o movimento (do pensamento) acelera e se intensifica para criar o conceito.

¹⁷ *Proust e os signos* (2022). p. 193.

é o narrador da *Busca* mas sim o tecedor de *Proust e os signos*. Trata-se do abandono dos signos mundanos, a recusa dos signos amorosos e, finalmente, a sublimação carnal dos signos da arte que se dobram sobre o território animal dos puros sinais sensíveis e materiais – sinais sonoros, coloridos, olfativos, corporais – de um universal corpo sem órgãos desbravador e construtor da experiência estética. Dos signos para os sinais e da linguagem para o corpo, encontramos na conclusão de *Proust e os signos* a metamorfose do narrador da *Busca* num monstruoso Corpo sem Órgãos (esse conceito, também grafado CsO, que se tornou num dos mais emblemáticos do alfabeto conceptual deleuziano, ganha presença aqui)¹⁸:

Mas o que é um corpo sem órgãos? [...] É este corpo-teia-aranha que se agita para entreabrir ou para fechar cada uma das caixinhas que vêm embater num fio viscoso da *Busca*. Estranha plasticidade do narrador. É este corpo-aranha do narrador, o espião, o polícia, o ciumento, o intérprete e o reivindicador – o louco – o universal esquizofrênico que vai estender um fio até Charlus, o paranóico, e um outro até Albertine, a erotômana, para fazer deles marionetes do seu próprio delírio, potências intensivas do seu corpo sem órgãos, perfis da sua loucura.¹⁹

Toda a literasofia ou filosofitura deleuziana reside na ideia de um delírio da língua, na inscrição sobre a linha que delimita o dentro e o fora do pensamento e da expressão da própria língua. Nunca é questão de linguagem, mas antes de expressão. Escrever numa espécie de língua estrangeira, dentro da própria língua, é propriamente inventar uma nova sintaxe, é compor agramaticalmente, num espaço absolutamente movente²⁰. Pensar assim a literatura é adotar uma lógica topológica sempre em torção entre dentro e fora: é a linha-superfície de inscrição que faz o ponto das expressões literárias. É aqui, neste entredois, que, para Deleuze, se afirmam os grandes escritores, que são, por isso, inelutavelmente menores. Quando Guattari e Deleuze falam de literatura menor a partir de Kafka²¹ e Beckett remetem sempre para uma força expressiva, *um estilo*, minoritário em relação ao frasear dominante, à ordem do discurso, para falar com Foucault²². O estilo é pura diferença não de um autor, mas de uma vida que escreve ou que, no limite, passa *pela* escrita. Vida de filósofos, de escritores, de pintores, de cineastas, como Espinosa,

¹⁸ Para mais informação sobre o conceito de Corpo sem Órgãos, ver todo o capítulo intitulado “28 novembre 1947 – comment se faire un corps sans organes?”. Deleuze G. & Guattari, F. (1980). *Capitalisme et schizophrénie 2, Mille plateaux* (pp 185-204). Minuit.

¹⁹ *Proust e os signos* (2022). p. 193.

²⁰ Sobre a noção de língua estrangeira dentro da própria língua, ver Deleuze, G. (1993). *Critique et clinique* (pp. 9-17). Minuit.

²¹ Deleuze, G. & Guattari, F. (1975). *Kafka pour une littérature mineure*. Minuit.

²² Foucault, M. (1971). *L'ordre du discours*. Gallimard.

Nietzsche e Leibniz, mas também Kafka ou Bacon. Vidas absolutamente singulares para um estilo literário, diferencial. Nunca Gilles Deleuze irá separar uma vida de uma obra, mas nunca irá caucionar uma obra à moral de uma vida.

Em *Proust e os signos* estão os sinais de um pensamento estrangeiro – o de Gilles Deleuze, que nos acena com signos, movido pelos fios de seda da aranha Marcel Proust, compondo, ainda que em esboço, a sua filosofia-estética. Nestas páginas de literatura filosófica, que é filosofia literária, Deleuze dá-nos a ler o pensamento proustiano, mas é o pensamento de Proust que, na escrita de Deleuze, se afirma, dando-nos a ler o pensamento deleuziano.

REFERÊNCIAS

- Deleuze, G. (1965). *Nietzsche*. P.U.F.
- Deleuze, G. (1966). *Le bergsonisme*. P.U.F.
- Deleuze, G. (1967). *Présentation de Sacher-Masoch*. Minuit.
- Deleuze, G. (1968). *Différence et répétition*. P.U.F.
- Deleuze, G. (1968). *Spinoza et le problème de l'expression*. Minuit.
- Deleuze, G. (1969). *Logique du sens*. Minuit.
- Deleuze, G. (1970). *Spinoza – philosophie pratique*. P.U.F.
- Deleuze, G. (1977). *Proust et les signes*. P.U.F.
- Deleuze, G. (1988). *Le pli – Leibniz et le Baroque*. Minuit.
- Deleuze, G. (1993). *Critique et clinique*. Minuit.
- Deleuze, G. & Cixous, H. (1973). Littérasophie et filosofiture. In *Dialogues* (p. 30).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1972). *Capitalisme et schizophrénie 1, L'anti-Œdipe*. Minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1975). *Kafka pour une littérature mineure*. Minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1976). *Rhizome*. Minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980). *Capitalisme et schizophrénie 2, Mille plateaux*. Minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1991). *Qu'est-ce que la philosophie?* Minuit.
- Deleuze, G. & Lima, L. (Trad.) (2022). *Proust e os signos*. Barco Bêbado.

Foucault, M. (1971). *L'ordre du discours*. Gallimard.

Proust, M. (1913-1927). *À la recherche du temps perdu*. Gallimard.